

**AJES - FACULDADE DO VALE DO JURUENA
LICENCIATURA EM LETRAS COM HABILITAÇÃO EM PORTUGUÊS E INGLÊS
E RESPECTIVAS LITERATURAS**

JULIO CESAR DO NASCIMENTO SANTOS

**AVAETÉ, SEMENTE DA VINGANÇA: uma análise Semiótica sobre o genocídio e
desumanização dos Cinta Larga**

Juína - MT

2018

**AJES – FACULDADE DO VALE DO JURUENA
LICENCIATURA EM LETRAS COM HABILITAÇÃO EM PORTUGUÊS E INGLÊS
E RESPECTIVAS LITERATURAS**

JULIO CESAR DO NASCIMENTO SANTOS

**AVAETÉ, SEMENTE DA VINGANÇA: uma análise Semiótica sobre o genocídio e
desumanização dos Cinta Larga**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras/Inglês e suas respectivas Literaturas da AJES – Faculdade do Vale do Juruena, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras/ Inglês e suas respectivas Literaturas, sob a orientação da Prof.^a. Dra. Michele Ester de Moura Campos Furlan.

Juína - MT

2018

AJES - FACULDADE DO VALE DO JURUENA

**LICENCIATURA EM LETRAS COM HABILITAÇÃO EM PORTUGUÊS
E INGLÊS E RESPECTIVAS LITERATURAS**

Linha de Pesquisa: _____.

SANTOS, Julio Cesar do. **AVAETÉ, SEMENTE DA VINGANÇA:** uma análise Semiótica sobre o genocídio e desumanização dos Cinta Larga. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – AJES - Faculdade do Vale do Juruena, Juína-MT, 2018.

Data da defesa: ____/____/____.

Membros Componentes da Mesa Examinadora:

Presidente e Orientador: Prof. Dra. Michele Ester de Moura Campos Furlan.
ISE/AJES

Membro Titular: Prof. Me. Marina Silveira Lopes
ISE/AJES

Membro Titular: Prof. Esp. Genivaldo Alves da Silva
ISE/AJES

DECLARAÇÃO DE AUTOR

*Eu, Julio Cesar do Nascimento Santos, portador da Cédula de Identidade – RG nº 22748822 SSP MT e inscrito no Cadastro de Pessoas Físicas do Ministério da Fazenda – CPF sob nº 039.786.271-75, DECLARO e AUTORIZO, para fins de pesquisa acadêmica, didática ou técnico-científica, que este Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado **AVAETÉ, SEMENTE DA VINGANÇA**: uma análise Semiótica sobre o genocídio e desumanização dos Cinta Larga, pode ser parcialmente utilizado, desde que se faça referência à fonte e ao autor.*

Autorizo, ainda, a sua publicação pela AJES - Faculdade do vale do Juruena, ou por quem dela receber a delegação, desde que também seja feita referência à fonte e ao autor.

Juína-MT, _____ 2018.

Julio Cesar do Nascimento Santos

AGRADECIMENTOS

A princípio agradeço aos meus pais Maria de Jesus do Nascimento Santos e José Aparecido dos Santos, meu irmão Sidnei Nascimento Santos e minha cunhada Andreia Cazarin, que sempre me apoiaram desde o momento em que decidi cursar a faculdade de Letras. Aos professores que ao longo da jornada do curso se empenharam em me ensinar, com humildade, a profissão de docente. Além do conhecimento acadêmico, ensinaram a enxergar além, a ser um profissional ético e humanista.

Agradeço aos meus amigos Claudimara, Divino Firmino Golveia, Douglas Willian, Paulo Gleyson, Elizer Marcelo, Engledy Morgana, Jessica Sanches, Louis Lene, Lucas Casagrande, Marina Mello, Maycon Douglas, Regiane Greciele, Thiago Evangelista, Thauanda Lopes e Wilian Davi por sempre me apoiarem e me motivarem a buscar o desenvolvimento pessoal e profissional. Agradeço a José Adriano, Patrícia Itaibele e toda a equipe da Casa da Cultura de Juína.

À turma de Letras, que desde o primeiro momento me ajudou, além de amigos nos tornamos uma família. Adriany Oliveira, Larissa Camila, Léo Victor, Mariza Bernadi, Tania Oliveira.

Por fim, agradeço em especial às professoras Marina Silveira Lopes, Vanilda dos Reis e minha orientadora Michele Ester de Moura Campos Furlan, que através de sua atuação profissional, me motivaram na elaboração deste presente trabalho.

EPÍGRAFE

Pataxó, Carijó, Kaeté, Yanomami E tinham muito
mais Escondem uma história que ficou pra trás A
mata, a queima, a fumaça, a tosse Sede de justiça,
benção de Oxossi Amores batem, entidades
manifestam Cachorros latem, a guerra é o que lhe
restam Bandeiras europeias na terra finca Era
uma vez Aztecas, Maias, Incas As América
sofreu um trauma Os padres diziam que os índios
não tinham alma Dizimados, perseguidos,
torturados Com certeza eram muito mais
evoluídos Astrologia, magia, medicina Se
perderam numa católica chacina Perseguidos os
que restaram Fazendeiros querem terras, história
nunca respeitaram E os conflitos são comuns O
vermelho na pele nem sempre é urucu (Oh ohhhh
oh ohhhh...) Se engana quem diz que os índio é
um povo primata A real história nos retrata: é o
dono da mata! É o dono da mata! São os donos da
mata! Dj Caique (2015)

RESUMO

Neste trabalho é abordado o processo de ocupação da região Noroeste do estado de Mato Grosso a partir do contexto histórico do Massacre do Paralelo 11, que acabou tendo grande repercussão na mídia nacional e internacional com o filme *Avaeté Semente da Vingança* dirigido por Zelito Viana no ano de 1985. Essa produção foi reconhecida e premiada internacionalmente por retratar a realidade dos Cinta Larga no então período. Para realização do trabalho, foi feita uma pesquisa bibliográfica, livros físicos, relatos em vídeos, revistas, sites, artigos, científicos, teses e livros digitais; bem como preceitos metodológicos ancorados na semiótica desenvolvida por Charles Sanders Peirce. Pretende-se, por meio da semiótica peirceana, analisar o fato real e sua representação no filme, enfocando a desumanização dos indígenas na época aos dias atuais, tendo em vista que em diversos momentos da história, os indígenas foram considerados uma barreira para o modelo de expansão econômica do país. Assim, esta pesquisa visa desconstruir preconceitos, estereótipos e marginalização dos povos indígenas brasileiros.

Palavras-chave: Indígena, Genocídio, Análise Semiótica, Cinta Larga

ABSTRACT

This work deals with the occupation of the Northwest region of the state of Mato Grosso from the historical context of the Massacre of Parallel 11, which ended up having great repercussion in national and international media with the film *Avaeté Semente da Vingança* directed by Zelito Viana in the year of 1985. This production was recognized and awarded internationally for portraying the reality of Cinta Larga in the then period. For the accomplishment of the work, a bibliographical research was done, physical books, reports in videos, magazines, websites, articles, scientists, theses and digital books; as well as methodological precepts anchored in the semiotics developed by Charles Sanders Peirce. It is intended, through Peircean semiotics, to analyze the real fact and its representation in the film, focusing on the dehumanization of the natives at the time to the present day, considering that in several moments of history, the natives were considered a barrier to the model economic expansion of the country. Thus, this research aims to deconstruct prejudices, stereotypes and marginalization of Brazilian indigenous peoples.

Keywords: Indigenous, Genocide, Semiotic Analysis, Long Belt

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Divisão dos Signos	28
-------------------------------------	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mulher Indígena Cinta Larga.....	17
Figura 2 - O golpe de 64 e os indígenas	18
Figura 3 - Pequeno <i>Avá</i> e o cozinheiro Ramiro.....	21
Figura 4 - Mapa do distrito de Fontanillas	22
Figura 5 - Capa do filme <i>Avaeté, Semente da Vingança</i>	24
Figura 6 - Relação triádica do signo, segundo C. S. Peirce.....	27
Figura 7 - Cena do Massacre cena 00:13:04.....	33
Figura 8 - Mulher indígena antes de ser cortada ao meio cena 00:16:44	34
Figura 9 – Pequeno <i>Avá</i> encontra outros indígenas cena 00:32:13	35
Figura 10 - Padre Bruno morto ao lado <i>Avaeté</i> cena 01:11:10.....	36
Figura 11 - Cena do bêbado apontando o dedo pra <i>Avá</i> cena 01:17:27	37
Figura 12 – <i>Avaeté</i> e o bêbado cena 01:17:37	37
Figura 13 – Clara entrevista Antônio Machado responsável pelo massacre cena 01:19:16.....	38
Figura 14 – <i>Avaeté</i> e Ramiro conversando com a cena no hospício 01:23:27	39
Figura 15 - Esboço sequencial do filme <i>Avaeté, Semente da Vingança</i>	46

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 A COLONIZAÇÃO DO NOROESTE DO ESTADO DE MATO GROSSO	13
2 AVAETÉ - SEMENTE DA VINGANÇA: a relidade de uma etnia	20
3 SEMIÓTICA DE CHARLES SANDERS PEIRCE: relação triádica do signo	26
3.1 CLASSIFICAÇÃO DOS SIGNOS	27
3.2 PRIMEIRIDADE, SECUNDIDADE E TERCERIDADE	30
4 A LEITURA PEIRCEANA DO AVAETÉ, SEMENTE DA VINGANÇA	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	41
ANEXO	46

INTRODUÇÃO

Desde a chegada dos portugueses ao Brasil, os povos indígenas são massacrados, exterminados fisicamente e culturalmente. Antes dos colonizadores chegarem, o Brasil era habitado por diversos povos, cada um com sua subjetividade, religião e costumes. O contato com os portugueses não foi algo benéfico para os primeiros povos indígenas que mantiveram contato com o não indígena, seja visto que eles foram enganados e escravizados, e os que resistiam, eram mortos pelos portugueses.

Não foi muito diferente o processo de ocupação das terras do Noroeste do atual estado de Mato Grosso, em que os diversos povos indígenas que habitavam entraram em conflito com os não indígenas, por estes invadirem suas terras. Um desses conflitos ficou conhecido nacional e internacionalmente devido a sua crueldade, resultando na morte de vários indígenas, e recebeu o nome de Massacre do Paralelo 11, chacina cometida em um território tradicional do povo indígena Cinta larga, na área chamada de Serra Morena. Nesse episódio foram mortos vários indígenas de acordo com documentos a mando de fazendeiros da região.

Esse massacre foi retratado em um filme produzido no Brasil, em 1985: *Avaeté, Semente de Vingança*. A proposta deste trabalho, portanto, é fazer uma análise semiótica peirceana do filme.

Os povos indígenas, em diversos momentos da história, foram considerados como barreira que atrapalhava o modelo de expansão econômica do país. Desde a chegada dos Portugueses ao Brasil, os povos ameríndios vêm sendo massacrados e o senso comum afirma que os indígenas atrapalham o desenvolvimento e a expansão econômica, não compreendendo a relação que os povos têm com a terra e, partindo deste pressuposto, a não compreensão do não indígena e a ganância desqualificada que culminam em desrespeito e atrocidades contra os indígenas no decorrer do tempo.

Essa realidade foi representada no filme produzido por Zelito Viana. O filme foi baseado no massacre dos indígenas Cinta Larga, foi gravado nas margens do Rio Juruena, atualmente distrito de Fontanillas no município de Juína, Mato Grosso. As cenas dos indígenas são representadas pelo povo Rikbaktsa que vive às margens direita do rio Juruena.

As questões que nortearam este trabalho científico implicam compreender quais as justificativas dos homens denominados civilizados para os homicídios cometidos contra os

povos indígenas, como os indígenas eram vistos na época e como são vistos na atualidade, além de discorrer de que forma um desses conflitos foi retratado em um filme.

Assim estabelece-se como objetivo geral analisar a representação indígena no filme *Avaete, Semente da vingança*. E como objetivos específicos: a) fazer um levantamento histórico sobre o massacre indígena que foi inspiração para o filme. b) . Apresentar dados geográficos, históricos e culturais sobre a região onde o massacre aconteceu. c). Analisar em *primeiridade, secundidade e terceiridade* Peirceana, as cenas do longa-metragem. d). Estabelecer a representação indígena no filme no que diz respeito à desumanização da etnia.

Para tanto, tem-se como base metodológica de análise a semiótica cunhada por Peirce, além de uma pesquisa documental e bibliográfica. Como objeto de análise, foram feitos recortes de algumas cenas do filme, a fim de identificar elementos que caracterizam a desumanização dos indígenas e a justificativa para os atos de crueldade cometidos na realidade e representados no filme.

Este trabalho científico justifica-se pela necessidade de se desconstruir preconceitos, estereótipos e marginalização dos povos indígenas brasileiros que na maior parte das vezes é incompreendida pela sociedade como um todo. É preciso mostrar à sociedade brasileira e mundial sobre a verdadeira história dos povos indígenas, bem como sua cultura. Além disso, a relevância deste trabalho dá-se pelo fato de o filme não ter sido objeto de estudo de muitos trabalhos acadêmicos, conforme pesquisa de estudo da arte.

Para realização do trabalho foi feita uma pesquisa bibliográfica, livros físicos, documentários, reportagens em vídeo no *Youtube*, revistas, sites, artigos, científicos, teses e livros digitais. Este trabalho de caráter científico teórico e qualitativo tem como base de análise textos sob a luz da semiótica peirceana.

A pesquisa está dividida em cinco seções. Na primeira, tem-se uma breve contextualização histórica; na segunda seção, discorre-se sobre o longa-metragem: *Avaeté - Semente da Vingança*: a realidade de uma etnia; na terceira seção, apresenta-se a metodologia de análise do presente trabalho, semiótica de Charles Sanders Peirce; na quarta seção, faz-se a Análise do genocídio e desumanização dos Cinta Larga representados na fita; na quinta seção apresenta-se as considerações finais.

1 A COLONIZAÇÃO DO NOROESTE DO ESTADO DE MATO GROSSO

O processo de ocupação das terras do atual estado de Mato Grosso retoma ao século XVIII, uma fase de expansão territorial do Brasil no período de ouro do colonialismo português e ao período de extrativismo mineral. Desse período até a República velha (1930), o estado de Mato Grosso atraiu a atenção pela exuberância de sua natureza, seu potencial econômico “ (é o único estado do país com três ecossistemas diferentes: Pantanal no Sudeste, Floresta Amazônica ao Norte e Cerrado). E por suas riquezas naturais: madeira, ouro, diamante, entre outros aspectos. ” (JOANONI NETO, 2007, p.14).

O massacre contra os povos nativos é real, assim como a resistência; as condições de vida e trabalho complexos são reais, assim como a violência nos garimpos e fora dele; o que torna esses elementos tão reais quanto suas próprias práticas e modos de avaliar e se relacionar com o outro (SANTOS, 2015, p.14)

As décadas finais do século XX ficaram marcadas pela chegada de um grande contingente de pessoas com diferentes propósitos; entre eles, grileiros, colonos, garimpeiros, exploradores que passam a ocupar um território que anteriormente era exclusivo dos indígenas, inclusive a região do Vale do Juruena, uma região com grande potência rica em recursos naturais, uma terra apropriada para agricultura e para criação de gado (SANTOS, 2015). A propaganda divulgada pelo governo era de que as terras do Norte do país, de modo geral, não eram habitadas por indígenas ou não-indígena, o que é contraditório, já que eram encontrados artefatos feitos de pedra e cerâmicas sobre o solo e nas derrubadas para o plantio do solo pelos colonos. Mas o governo negava a existência de qualquer pessoa antes da instalação do projeto de ocupação (JOANONI NETO, 2007).

Uma maneira de atrair um grande contingente de pessoas era a divulgação de propagandas dentro do território brasileiro, e no exterior, essas propagandas enalteciam a região vendendo a ideia de que era prospera, rica, com fartura, um paraíso. Durante a década de setenta, novamente governos estaduais e federais voltaram à carga, projetando novas investidas sobre o que era considerado área vazia. Seja por questões de segurança nacional ou para atender a interesses específicos de grupos econômicos estaduais ou nacionais para aliviar as pressões exercidas pelos camponeses das diversas regiões do Brasil. (JOANONI NETO, 2007).

A colonização das terras do Brasil possibilitou acesso a terras para pequenos trabalhadores, o que também era uma estratégia governamental para a exploração econômica e povoamento de novas terras, que poderia ser de responsabilidade pública ou privada. “O estado

de Mato Grosso teve o maior número de projetos de colonização de iniciativa privada. ” (GALVÃO, 2013, p. 10).

Até meados do século XX, a região Noroeste do estado de Mato Grosso vivenciou ocupação quase que exclusiva dos povos indígenas Cinta larga, Rikbaktsa e Enawenê-nawê⁴, que atualmente possuem reservas que ocupam 62%⁵ do território do município de Juína-MT, além de se estender pelos municípios vizinhos de Brasnorte, Juruena e Aripuanã, dentre outros, inclusive do estado de Rondônia. Em meados do século XX, seringueiros e extrativistas em geral, passaram a explorar o potencial de recursos da região às margens da legalidade e a aproveitando a presença incipiente do Estado. Iniciando um complexo processo de multiterritorialização e constituição de um espaço de conflitos entre diferentes trabalhadores, e promovendo intensas transformações socioeconômicas na região. Ações que passaram a caracterizar a região Noroeste como uma autêntica frente de expansão, onde o Estado não se apresentava de forma legítima, deixando margens para práticas de ilegalidade e desumanidades. Um espaço além da zona de desenvolvimento, onde as relações são arcaicas, não existe infraestrutura e a violência faz parte do convívio cotidiano. (SANTOS, 2015, p.3).

A ocupação por colonos, garimpeiros e outros grupos no noroeste do estado de Mato Grosso final do século XX ocasionou vários conflitos. A chegada dos não indígenas acarretou em quase extinção de alguns povos, por exemplo, os Enawenê-nawê. Tanto por causa da violência quanto por causa das doenças trazidas com o contato entre os não-indígenas e os nativos. A ausência do estado gerava a falta de estrutura que foi prometida aos colonos e para as empresas privadas que se instalaram na região, este isolamento dos colonos gerava dificuldade de comercialização de seus produtos, fazendo com que mudassem de seu foco inicial para atividade garimpeira, fazendo com que abandonassem seus lotes. (JOANONI NETO, 2007).

O garimpo e outros grupos extrativistas foram importantes para formação do estado de Mato Grosso ao longo do tempo. Com a notícia sobre os minérios e recursos naturais e terra se espalhou as pessoas vinham para região em busca de riqueza. Havia um discurso mítico de que o estado era como Canaã, a terra prometida próspera, o que levou a um grande fluxo migratório. “A fé em Deus e a crença na melhora estiveram presentes e fortes desde sua saída em busca da “terra prometida” até sua fixação na região” (JOANONI NETO, 2007, p. 17). Com relação aos que migraram e colonizaram o norte de Mato Grosso, estes tiveram dificuldades desde o momento em que se deslocavam para a região. As estradas muitas das vezes eram confundidas com picadões em mata fechada, a condição de vida era muito precária, faltava alimento e água potável. (JOANONI NETO, 2007).

Em diversos momentos da história do Brasil os povos indígenas foram considerados como obstáculo ao modelo de expansão econômica do país. A ocupação das terras pelos indígenas é vista como entrave pelos ruralistas, criadores de gado, produtores de monocultura da soja, um obstáculo na extração de minérios, na construção de estradas ou para construção de hidroelétricas. (GUIMARÃES, 2015).

Até 1960, a população da fronteira do norte de Mato Grosso era de 62.478 habitantes, distribuída em cinco municípios: Barra do Garças, Chapada dos Guimarães, Rosário Oeste, Diamantino e Aripuanã. Após 1960 ocorre intenso processo de transformação econômica que por serem novos espaços incorporados ao processo produtivo e integrados ao mercado nacional, passou a ser caracterizado como “fronteira capitalista recente”. A ocupação dessa fronteira agrícola intensificou-se na década de 1970, atraindo fluxos migratórios do Centro-Sul e Nordeste para essa região (GALVÃO, 2013, p. 6.).

Em meados do século XX, seringueiros e extrativistas em geral, passaram a explorar o potencial de recursos da região às margens da legalidade e aproveitando a presença incipiente do Estado, iniciando um complexo processo de Territorização¹ e constituição de um espaço de conflitos entre diferentes trabalhadores, e promovendo intensas transformações socioeconômicas na região. Essas ações passaram a caracterizar a região Noroeste como uma autêntica frente de expansão, onde o Estado não se apresentava de forma legítima, deixando margens para práticas de ilegalidade e desumanidades. Um espaço além da zona de desenvolvimento, onde as relações são arcaicas, não existe infraestrutura e a violência faz parte do convívio cotidiano (SANTOS, 2015). Os conflitos entre os seringueiros e os indígenas eram frequentes nas décadas de 40 e 50. No ano de 1956 chega na região a dos jesuítas na Missão Anchieta², que tinha com intenção pacificar os indígenas. Em 1968 foi criada a reserva Rikbaktsa que compreendiam 10% de sua área tradicional (JOANONI NETO, 2007).

O confronto entre exploradores e os povos indígenas causou diversos danos às comunidades nativas da região noroeste mesmo com a presença dos missionários católicos nas

¹[...] um componente de poder, por meio do qual indivíduo e sociedade experimentam e dotam de significado seu “espaço” físico ou virtual de convivência. Ressalta Haesbaert que a territorialização possui quatro objetivos básicos que se combinarão conforme o contexto em que se dá: abrigo físico (fonte de recursos materiais/ meio de produção); identificação de grupos de interesse através de dimensões espaciais (fronteiras geográficas); controle através do espaço, por meio dos espaços individualizados; e construção/controle de conexões e redes. Disponível em: <<http://www.seer-adventista.com.br/ojs/index.php/formadores/article/viewFile/455/419>> Data de acesso: 19 nov. 2018

Sofreram uma perda de cerca de 75% da população da época do contato até 1969, recuperando-se em parte da década de 70 em diante. A intermediação protecionista da Missão Anchieta (MIA), apesar de produzir intensa pressão aculturativa e desarticuladora sobre o povo Rikbaktsa, foi o que ao mesmo tempo propiciou as condições mínimas para que se recuperassem fisicamente após a mortandade pós-contato. Em 1985, segundo levantamento da Missão Jesuítica, já havia uma população de 511 pessoas, sendo 153 nascidas antes do contato e 357 nascidas depois. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Rikbaktsá>>Data de acesso: 19 nov. 2018

áreas indígenas a partir da década de 60, o que por exemplo quase levou a extinção do povo Enawenê-nawê, que residem no Vale do Juruena, em função de violência física, exploração de trabalhos forçados e de doenças trazidas pelos não indígenas (SANTOS, 2015). As condições de comercialização do látex se mostravam favoráveis, no cenário econômico “[...] os vizinhos Rikbaktsa haviam sido pacificados e havia acabado a mortandade entre índios provocados pelas pestes transmitidas pelos civilizados” (NEDEL, 2010, p. 134).

A partir da segunda metade do último século, tendo início o “ciclo da borracha” que atraiu peruanos e cearenses para exploração dos seringais nativos, os afluentes do Madeira, como o Marmelos, o Manicoré, o baixo do Aripuanã e o Machado (ou Ji-Paraná). Passaram a ser percorridos e ocupados economicamente (MALDI, 1994, p. 14.).

O trabalho dos seringueiros era intenso em busca da produção da safra para realização dos seus sonhos, e obtenção de alimentos para se manterem. O medo dos indígenas era algo aterrorizador, logo após a morte de dois seringueiros que foram flechados e decapitados supostamente pelos Cinta Larga, devido ao fato de que os Rikbaktsa estavam pacificados e até alguns indígenas trabalhavam no seringal. Os trabalhadores estavam apavorados com medo de trabalhar, fazendo com que muitos não quisessem trabalhar se não tivesse uma arma e munição. Os Cinta-larga já habitavam a região onde era explorado o látex na atual cidade de Juína, incluído o distrito de Fontanillas, e os Cinta Larga transitam periodicamente na região com o propósito de marcar o seu território e delimitar a suas terras (NEDEL, 2010). O confronto era frequente e os seringueiros não queriam trabalhar sozinhos e, devido ao ocorrido, os funcionários começaram a trabalhar em duplas. Dezenas de seringueiros foram flechados, e em alguns casos seringueiros morreram. (NEDEL, 2010).

Antônio Mascarenhas, proprietário da empresa Arruda, Junqueira & cia Ltda. ordenou que o seu gestor organizasse uma expedição em meados de 1960 “[...] uma expedição pela região à procura do minério cassiterita da planta *Ipeca Cuanha*³” (NEDEL, 2010, p. 136). A Expedição foi chefiada pelo mateiro Chico Luiz na companhia de quatro seringueiros e dois indígenas que iriam ajudar na obtenção de alimento. Depois de semanas sem resultados em encontrar a planta *Ipeca Cuanha* e o minério cassiterita, próximo ao Rio Aripuanã o grupo se deparou com a aldeia Cinta Larga em meio a uma clareira. Não demorou muito para os

³ Um pequeno arbusto de apenas 30 cm de altura, que pode ser usada como planta medicinal para induzir o vômito, cessar a diarreia e para soltar as secreções do sistema respiratório. Ela também é conhecida como Ipecacuanha, ipeca-verdadeira, poaia cinzenta, muito utilizada para provocar vômito. Seu nome científico é *Psychotria*. Disponível em: <<https://www.tuasaude.com/ipeca/>> Data de acesso: 20 nov. 2018

Indígenas Cinta Larga perceberem os invasores. Percebendo os invasores, o conflito era inevitável. “Foi uma fuzilaria. Os seringueiros não economizaram na munição. Era flechas para todo lado. Os Cinta-larga disparando das malocas em direção ao grupo”. (NEDEL, 2010, p. 136).

Dias após o fato ocorrido, os integrantes do grupo da expedição não cansavam de contar os detalhes do confronto aos colegas de empresa. No lado do grupo da expedição apenas dois foram feridos com flechas de raspão, os membros da expedição analisaram e pelo menos 5 indígenas perderam a vida em combate, além de inúmeros feridos (NEDEL, 2010). A figura 01 mostra uma fotografia foi publicada na revista *Time*.

Figura 1 - Mulher Indígena Cinta Larga



Fonte: olhardireto.com.br

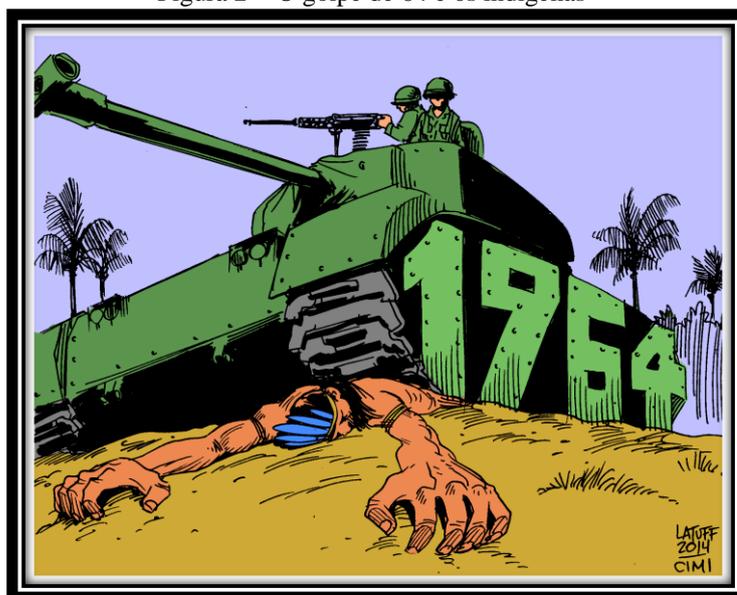
A repercussão sobre o massacre foi grande, o que levou inspiração para produção do filme *Avaete - Semente da Vingança*. Na história contada no filme, a criança indígena sobrevive. No fato real, a criança é morta com um tiro na cabeça e sua mãe é cortada ao meio com um machado. O filme *Avaeté* expõe a realidade, o massacre dos povos indígenas, não muito longe do nosso tempo. “[...] o único motivo para o extermínio do povo Cinta-Larga era apenas para não deixar que eles avançassem em seu território, não havia disputa por terras ou madeira” (MARIMON, 2014).

O Massacre do Paralelo 11, foi mais além do roubo ao estupro, passando por grilagem, assassinato, suborno, tortura e outras agressões. O fato fez com que o ministro do interior,

general Albuquerque Lima, mandasse demitir um dos principais envolvidos no incidente, então chefe do SPI (Serviço de Proteção ao Índio), major Luiz Vinhas Neves. Considerado um dos mais sangrentos confrontos na mata da Amazônia brasileira. Os indígenas não tinham como se defender devido ao poder bélico utilizado pelos usurpadores.

Um dos poucos documentos do governo que relata os crimes cometidos contra os povos indígenas do Brasil é o Relatório Figueiredo, que resultou de uma investigação, um inquérito instaurado em 1967, pelo ministro do interior, General Albuquerque Lima, que buscava acabar com problemas e irregularidades que estava ocorrendo na época. “Foram verificadas várias denúncias entre o ano de 1940 e 1967. O presidente da comissão narra, em um longo relatório, os diversos casos de maus-tratos, crimes de assassinato e de genocídio” (GUIMARÃES, 2015, p.23). A figura 02 mostra uma charge aludindo esse processo nos primeiros anos da ditadura.

Figura 2 - O golpe de 64 e os indígenas



Fonte: www.google.com

No período da ditadura militar, os crimes contra os indígenas estavam pertinentes à ocupação do território nacional, que seguia princípios da Doutrina de Segurança Nacional. Na época existia políticas de ocupação de terras no interior, estas terras eram arrendadas, vendidas e ocupadas. O objetivo principal era de explorar economicamente as áreas desabitadas. A integração nacional visava à defesa estratégica e à promoção do desenvolvimento econômico, ainda que à custa de inúmeros povos indígenas que ocupavam o território (GUIMARÃES, 2015).

Para que construíssem estradas vários povos indígenas eram retirados de suas terras tradicionais e quando havia oposição, muitos eram exterminados. Cerca de nove aldeias na beira

esquerda do Médio Rio Alalaú, como conta em depoimentos foram bombardeados, com gás letal, exterminando aquele povo (GUIMARÃES, 2015).

Ainda hoje, entretanto, inúmeras etnias estão vivendo situações de conflito pelo país, como as que estão vindo à tona em relação ao sofrimento exposto pelos *Guarani Kaiowa* via redes sociais, reportagens em emissoras de televisão e pelo site *YouTube*, como dos chefes *Guarani Kaiowa* solicitando ajuda e subsídio, como estes mesmos se referem ao povo de São Paulo divulgado em um vídeo comovente, com fotos de crianças que estão morrendo devido a desnutrição, acampamentos sem infraestrutura, água potável e saneamento básico, com lonas esticadas reproduzindo uma casa e além de tudo isso, eles protestam contra o extermínio cometidos contra seu povo (CUNHA; FASSBINDER 2013).

2 AVAETÉ - SEMENTE DA VINGANÇA: a realidade de uma etnia

O filme *Avaeté - Semente da Vingança* foi produzido em 1985 pelo diretor conhecido como Zelito Viana. O cineasta, batizado como José Viana de Oliveira Paula, nasceu em Fortaleza, em 05 de maio de 1938. Quando tinha idade de 4 anos mudou-se do estado do Ceará com a família para o Rio de Janeiro. Zelito Viana se formou em engenharia no ano de 1964 e foi convidado por um colega da Escola Nacional de Engenharia Leon Hirzman, para que ele trabalhasse como produtor. “Logo ganharia de Glauber Rocha o apelido de Dr. Fantástico, em referência a um filme do cineasta Stanley Kubrick, diretor do filme “2001, Uma Odisseia no Espaço”, de 1968, por sua capacidade de inventar soluções inimagináveis para os problemas mais simples” (TAVARES, 2018).

Zelito Viana é destaque em vários filmes na década de 60, do Cinema Novo⁴. Entre os trabalhos memoráveis estão “Terra em transe” (1966), de Glauber Rocha, e “A grande cidade”, de Diegues (TAVARES, 2018).

No ano de 1979 ele lança o filme “Terra dos Índios” e no mesmo ano dirige um programa de TV chamado “Chico Total”, tornando-se também diretor da Globo Vídeo, além de Chefiar desfiles de escolas de samba nos anos de 1986 e 1987. “Retorna ao cinema em 1985, com *Avaeté – semente da vingança*, que ganhou Medalha de Prata em Moscou e como o Melhor Filme no Festival de Tróia, em Portugal” (TAVARES, 2018).

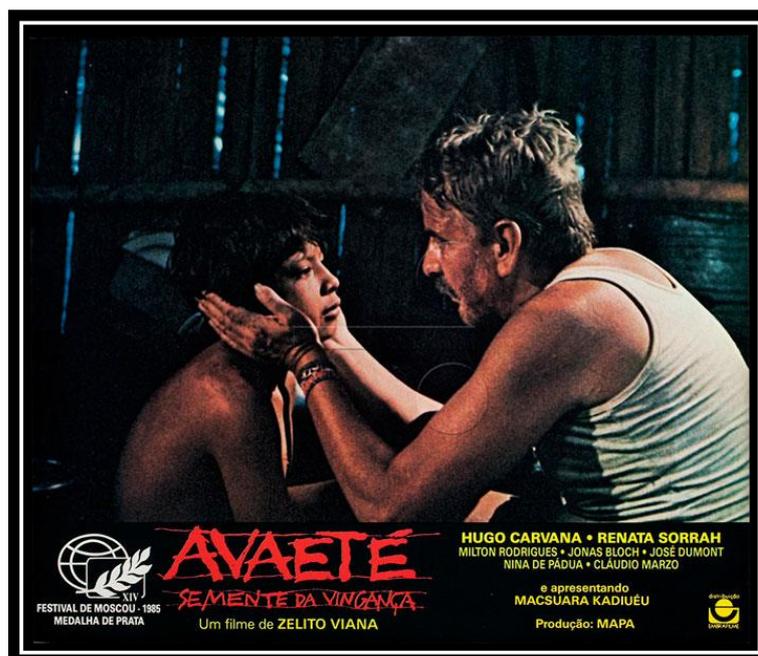
É um filme que retrata a história de uma tribo inteira que foi eliminada por uma expedição ao estado de Mato Grosso no ano de 1962. Em reportagem ao jornal em 9 de abril de 1985, Zelito afirma que a ideia de fazer um filme baseado no massacre surgiu quando ele estava trabalhando no filme “Terra dos Índio” em 1978. “O diretor afirma que sua vida “mudou totalmente” depois daquele filme e cita uma frase do antropólogo Darcy Ribeiro: “Ninguém visita uma aldeia indígena impunemente” (TAVARES, 2018).

Baseado em um fato real o Massacre do Paralelo 11, algumas cenas foram inventadas, entretanto, outras são reais. Para Zelito Viana, a cena mais marcante, a mais chocante, é a cena referente a fotografia publicada pela revista norte americana *Times*. Que mostra a indígena

⁴ Inspirados pelo despojamento do neo-realismo italiano, pelas inovações da *Nouvelle Vague* francesa e, mais proximamente, pelo cinema independente brasileiro dos anos 1950, os cinemanovistas não queriam - nem poderiam - fazer filmes nos padrões do tradicional cinema narrativo de "qualidade", americano em sua maioria, que o público brasileiro estava acostumado a ver. O cinema que pretendiam fazer deveria ser "novo" no conteúdo e na forma, pois seus novos temas exigiriam também um novo modo de filmar. MASCARELLO, Fernando (org.). História do cinema mundial. Campinas, SP: Papirus, 2006 p.290.

sendo cortada ao meio. Segundo Viana, (1985) recebeu os seguintes prêmios: Medalha de Prata no Festival de Moscou, 1985; Melhor longa-metragem no festival de Troia, 1985 –PT; Sol de prata para Carvana, Hugo no Rio-cine-festival, 1, 1985, Rio de Janeiro – RJ. A figura 3 retrata abaixo cena em que Ramiro conversa com o pequeno Avá, em um cartaz que faz referência ao prêmio que o filme ganhou.

Figura 3 - Pequeno Avá e o cozinheiro Ramiro



Fonte: olhardireto.com.br

O filme conta a história de um madeireiro influente e poderoso, que quer invadir as terras indígenas a qualquer custo para expandir o seu poder na região, com uso de violência e brutalidade, provocando o aniquilamento de uma tribo inteira, os *Avaeté*. Esse madeireiro organiza uma expedição para tomar as terras indígenas e explorar em busca de madeira e minérios. Para tanto os homens contratados tinham o aval do madeireiro para exterminar as populações que ocupavam essas terras. Uma das pessoas contratada para a expedição era o cozinheiro de nome Ramiro, se acovarda e não consegue matar o único menino sobrevivente, que consegue fugir. Elias apelidado de Cabeça Branca, capitão do mato, do madeireiro pega a mãe do menino e a amarra pelos pés a uma árvore, e então, com um facão corta a mulher ao meio (MARIMON, 2014).

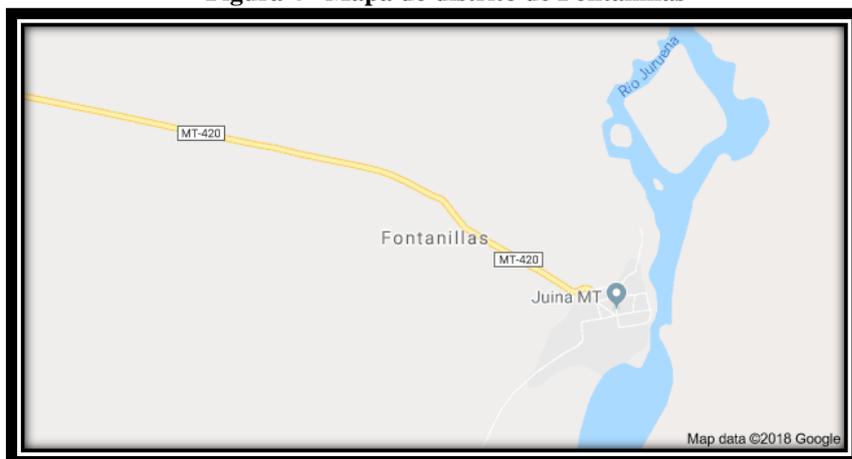
O jovem indígena consegue escapar do massacre e o cozinheiro também. Onde surge uma amizade improvável, história que Zelito vendeu para que o filme pudesse ser exibido. “*Avaeté* é uma obra de crueza e densidade, um retrato da realidade como ela é, sem deixar

dúvidas dos erros cometidos em todas as esferas contra os povos tradicionais”. (MARIMON, 2014).

Depois de um tempo do crime cometido contra a tribo do menino *Avá*, o cozinheiro cuida do garoto, até ele ficar adulto. Eles delatam o massacre, e novamente, começam a ser perseguidos. A denúncia chega ao congresso, mas não tem resultado devido a influência do madeireiro. No final do filme, já adulto, o *Avaeté* consegue se vingar dos responsáveis do massacre. E em todo momento do filme *Avá* busca sua identidade perdida, a sua relação com a natureza e os hábitos de seu povo. (MARIMON, 2014).

O fato real ocorreu em 1962, mas o caso só teve repercussão no ano de 1968. Devido a época de ditadura militar Zelito conta que teve dificuldades que conseguisse fazer o filme *Avaeté*. Mas, foi produzido e foi exibido nas telas pelo mundo. “Zelito conta que no momento da cena da índia cortada ao meio, a reação é sempre a mesma: espanto” (MARIMON, 2014). Figura 4 está o mapa da localização do distrito de Fontanillas.

Figura 4 - Mapa do distrito de Fontanillas



Fonte: google.com

Em entrevista, Zelito diz que a cabeça dele foi feita, e quando em 1978 entrou em contato com os povos indígenas, ele conheceu a nova realidade, por ele ser urbano não conhecia a realidade do interior do Brasil (MARIMON, 2014).

Com a ajuda de Dom Thomas Balduino⁵ bispo de Goiás Velho, que encontrou o local para as gravações. O local ficava à beira do rio Juruena em um povoado, chamado de

⁵ Dom Tomás foi personagem fundamental no processo de criação do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), em 1972, e da Comissão Pastoral da Terra (CPT), em 1975. Nas duas instituições Dom Tomás sempre teve atuação destacada, tendo sido presidente do CIMI, de 1980 a 1984 e presidente da CPT de 1999 a 2005. A Assembleia Geral da CPT, em 2005, o nomeou Conselheiro Permanente. Disponível em: <<http://www.uece.br/labvida/index.php/noticias/14-22>>

Fontanillas, atualmente distrito do município de Juína, onde havia um hotel de madeira com doze quartos. Local em que toda a equipe e elenco principal do filme ficaram enquanto o filme era produzido. A cidade mais próxima era Juína, mas demorava em média 4 horas para chegar em uma estrada ruim (PAULA, 2010, p.241).

A locação principal foi na aldeia do povo Rickbaktsa, que eram conhecidos como Canoeiros e antropófagos, povo indígena vive em várias aldeias na beira do rio Juruena. As gravações foram realizadas na Aldeia Rikbaktsa, próximo ao Barranco Vermelho que fica rio acima. A escolha do povo Rikbaktsa para atuar no filme é devido ao fato de saberem falar português. Foram 50 dias na mata, considerado uma grande aventura para toda equipe que participou da gravação do filme, um momento inesquecível. Nos momentos de folgas, das gravações, a diversão era tomar banho na margem do Rio Juruena. Os indígenas do barranco vermelho construíram uma aldeia só para as gravações que seria destruída em uma simulação de bombardeio. No período que estava acontecendo as gravações, o dono do hotel onde a equipe estava hospedada foi assassinado (PAULA, 2010).

“Nesse filme tem duas sequências que eu gosto muito. Uma é quando o carro do Zé Dumont, que faz o papel do delegado, vai embora, levantando uma poeira enorme, e o índio Avá fica parado na estrada, quase sumindo na poeira do carro”. (Paula, 2010, p. 249). Diz Zelito que as cenas têm um lado simbólico: “O outro é quando Avá está em São Paulo perdido, andando” (PAULA, 2010, p.249).

Quando o filme foi exposto na Rússia, no Festival de Moscou, parecia um filme de ficção científica, era uma realidade diferente, na projeção do *Avaeté na Rússia* o cinema estava lotado, aproximadamente uns cinco mil russos assistiram ao filme. No início do filme uma índia tira da cabeça de uma criança um piolho e come, todos no cinema fizeram o som de: – Oh! (PAULA, 2010).

Para a plateia que assistia o filme era algo de outro planeta. Uma realidade diferente que tem alguém que come piolho, (PAULA, 2010, p. 255). “Foi um episódio que mostra o cenário de guerra que estava criado no Brasil, por um lado os grupos econômicos capitalizados e de outro as nações que habitavam o território tradicionalmente” (FEITOSA, 2017, p. 39).

Na ficção, o cozinheiro Ramiro que não concorda com as ações dos pistoleiros e acaba fugindo levando com ele um garoto, o único sobrevivente do massacre, observamos a

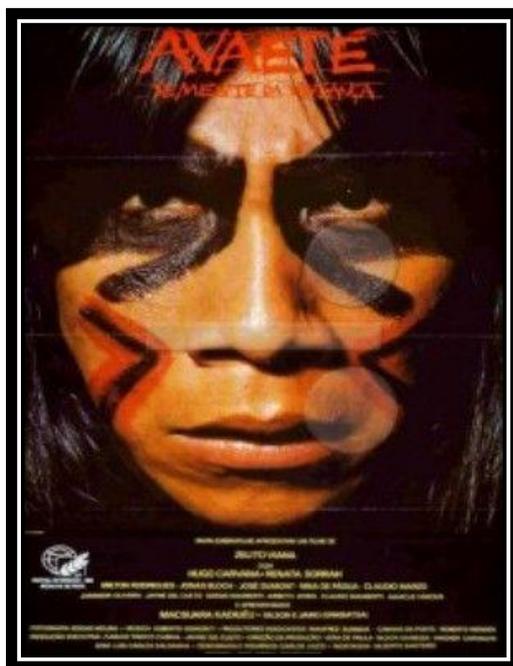
importância desta personagem que delatou as autoridades e à imprensa os crimes cometidos contra os indígenas. Ainda é uma realidade no Brasil vivida por estes povos que são obrigados a sair de suas próprias terras. “As questões referentes à concentração de terras no Brasil, impuseram aos grupos indígenas o deslocamento compulsório e a perda de territórios” (FEITOSA, 2017, p. 39).

O filme faz uma crítica a fatos recentes e que ainda estão presentes na atualidade, que nos mostra o reflexo de quem somos e de uma coletividade egoísta, egocêntrica, consumista e segregadora (MARIMON, 2014).

“Macsuara deu vida ao índio valente que conseguiu vingança pelo extermínio de seu povo. A sua história se mescla com Avaeté, porque sua pele é o símbolo do sofrimento de toda uma vida.”. (MARIMON, 2014).

Na figura 6 mostra a capa do filme *Avaeté, Semente da Vingança*, com um olhar melancólico representado por Macsuara.

Figura 5 - Capa do filme *Avaeté, Semente da Vingança*.



Fonte:olhardireto.com.br/

Macsuara tem Consciência das dificuldades dos povos indígenas, em uma análise crítica e política sobre toda a situação. Ele lamenta que a luta pela preservação da identidade indígenas perdeu força na atualidade. O personagem *Avá* em sua jornada tenta buscar a suas origens,

encontrar a se encontrar. “É um massacre moral, cultural, que derruba o esteio. As lutas enfraqueceram. Mataram todos os heróis” (MARIMON, 2014).

Finalizando a entrevista, Macsuara é questionado por ter deixado a aldeia e estar em um universo urbano, longe da natureza. Com o olhar sério diz: “A selva de pedra cresceu em mim”, em seguida fica em silêncio emudecido (MARIMON, 2014).

3 SEMIÓTICA DE CHARLES SANDERS PEIRCE: relação triádica do signo

Charles Sanders Peirce (1839-1914) foi fundador da semiótica estadunidense. Era filósofo, cientista e matemático consagrado mundialmente por desenvolver a ciência geral dos signos, “que estuda qualquer elemento ou fenômeno cultural como um sistema signico, Tornado um sistema abrangente, os signos dão corpo ao pensamento” (CUNHA, 2008, p. 3).

"O nome Semiótica vem da raiz grega semeion, que quer dizer signo. Semiótica é a ciência dos signos.". Contudo, pensando esclarecer, confundimos mais as coisas, pois nosso interlocutor, com olhar de surpresa, compreende que se está querendo apenas dar um novo nome para a Astrologia. Confusão instalada, tentamos desenredar, dizendo: — "Não são os signos do zodíaco, mas signo, linguagem. A Semiótica é a ciência geral de todas as linguagens". Mas, assim, ao invés de melhorar, as coisas só pioram, pois que, então, o interlocutor, desta vez com olhar de cumplicidade — segredo desvendado —, replica: — "Ah! Agora compreendi. Não se estuda só o português, mas todas as línguas". (SANTAELLA, 1983, p.1).

A semiótica estuda todas as formas do homem se comunicar seja ela verbal ou não verbal, escrita ou falada, desenhada entre outras, é uma ciência que funda as ciências normativas estética, ética e lógica que explicam os níveis perceptivo-cognitivos na nossa relação com o universo exterior. A semiótica estuda a linguagem⁶ e todas as suas representações simbólicas. “A Semiótica peirceana, concebida como Lógica, não se confunde com uma ciência aplicada. O esforço de Peirce era o de configurar conceitos sgnicos tão gerais que pudessem servir de alicerce a qualquer ciência aplicada” (SANTAELLA, 1983, p. 11).

Para Peirce, um signo (ou *representaten*) é algo que representa algo para alguém em algum aspecto. O signo cria na mente uma representação que equivalente ao objeto real. O signo representa semiticamente, seu objeto e pode funcionar se tiver a capacidade, o poder de representar ou substituir uma realidade ou um pensamento diferente dele. “Ora, o signo não é o objeto. Ele apenas está no lugar do objeto. Portanto, ele só pode representar esse objeto de um certo modo e numa certa capacidade” (SANTAELLA, 1983, p. 12).

Assim, para Peirce, um signo linguístico é formado por três partes que são responsáveis pelo sentido em linguagem:

- a) Objeto: um parâmetro que se assemelha ao objeto, uma foto, por exemplo. A esse parâmetro chama-se ícone.
- b) Imagem: um pensamento cujo signo possua uma relação de causalidade sensorial indicando seu significado, por exemplo, fumaça – fogo. Chama-se índice.

⁶ Linguagem: a capacidade humana de utilizar sinais linguísticos com vistas à comunicação

Língua: uma noção que sugere que a capacidade de linguagem se realiza em um material concreto, disponível culturalmente, uma língua natural.

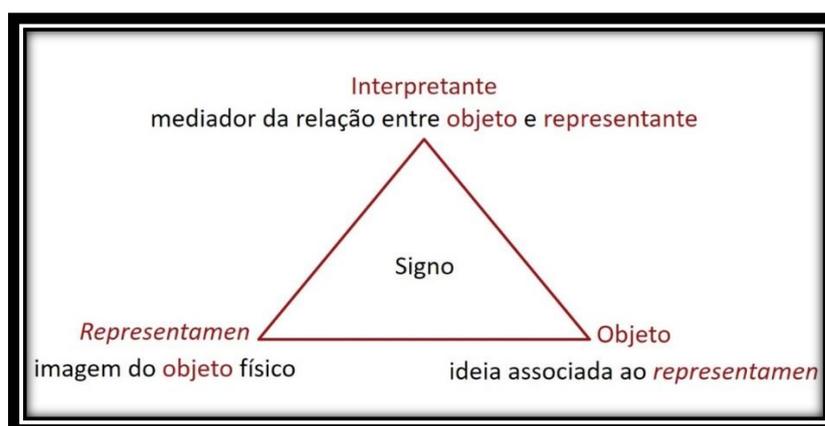
Disponível em: <<https://grad.lettras.ufmg.br/arquivos/monitoria/Encontros1e2-09.pdf>>

Data de acesso: 12 nov. 2018

c) Interpretante: uma relação puramente convencional entre o signo e seu significado, que vai além de sua interpretação primeira. Chama-se símbolo, por exemplo, a cruz para representar uma semelhança, ou uma religião, ou uma nacionalidade ou um hospital. (SANTAELLA, 2003).

O *representâmen* é a parte que faz lembrar de algo através de alguma representação, trazendo uma lembrança do que é em essência. O objeto é coisa propriamente dita é algo. O interpretante é o significado de uma imagem, uma memória que é criada na nossa mente ao vermos uma imagem representada em algum lugar. Em uma definição simplificada e restrita, signo poderia ser qualquer representante de outra coisa (objeto) e que produz efeito interpretativo à mente (interpretante). Essas entidades formam a relação triádica *signo/objeto/interpretante*” (SILVA, 2011, p. 3). Na figura 7 temos a relação triádica do estabelecida por Peirce.

Figura 6 - Relação triádica do signo, segundo C. S. Peirce



Fonte: amusearte.hypotheses. 2018

“Peirce admite que qualquer manifestação presente à mente tem que ter a natureza signica para ali habitar, e, sendo assim, qualquer fenômeno percebido pelo homem (real ou não) poderá, e deverá ser, conseqüentemente, estudado pela Semiótica e pelas ciências que a sustentam” (CUNHA, 2008, p. 3).

“Peirce sugere uma Semiologia que englobe quaisquer princípios sígnicos; sejam eles de natureza linguística, visual, sonora, etc.” (CUNHA, 2008, p.3).

3.1 CLASSIFICAÇÃO DOS SIGNOS

Em sua classificação, a partir de uma divisão lógica e microscópica das partes que tem interação na composição de todo e qualquer signo, Peirce estabeleceu um sistema de classificações sempre triádica ou tricotômica de (três a três) dos tipos possíveis de signo. (SANTAELLA, 1983, p. 13).

Há possibilidades diversas de combinação dos signos, e, portanto, pode-se ter uma leitura de qualquer processo sígnico. “Desde a linguagem indeterminada das nuvens que passeiam no céu, ou as marcas multiformes e cambiantes que as ondas do mar vão deixando na areia, até uma fórmula, a mais abstrata, de uma ciência exata”. (SANTAELLA, 1983, p. 13).

Dentre todas essas tricotomias, Peirce se dedicou há três, as mais gerais que “São as que ficaram mais conhecidas e que têm sido mais divulgadas. Tomando-se a relação do signo consigo mesmo (Primeridade), a relação do signo com seu objeto dinâmico (Secundidade) e a relação do signo com seu interpretante (Terceiridade)”. (SANTAELLA, 1983, p. 13).

Embora Peirce tenha proposto a existência de dez tricotomias e sessenta e seis classes de signos, para uma análise semiótica apenas três tricotomias são suficientes (COELHO NETTO, 2003, p. 57). No quadro abaixo temos a divisão dos signos.

Quadro 1 - Divisão dos Signos

Divisão dos Signos			
Categoria	O signo em relação a si mesmo	O signo em relação ao objeto	O signo em relação ao interpretante
<i>Primeirida</i>	<i>Qualisigno</i>	<i>Ícone</i>	<i>Rema</i>
<i>Secundidade</i>	<i>Sinsigno</i>	<i>Índice</i>	<i>Discente</i>
<i>Terceiridade</i>	<i>Legissigno</i>	<i>Símbolo</i>	<i>Argumento</i>

Fonte: (COELHO NETTO, 2003, p. 62), adaptada pelo autor, 2018

- ÍCONE, ÍNDICE E SÍMBOLO

Com relação à imagem forma-se a tricotomia ícone índice símbolo. O Ícone é um signo que tem características de determinado objeto, esta característica faz referência ao objeto. O “Ícone é um signo que tem alguma semelhança com o objeto representado. Exemplos de signo icônico: a escultura de uma mulher, uma fotografia de um carro, e mais genericamente, um diagrama, um esquema” (COELHO NETTO, 2003 p. 58). O *índice* mostra algo que aconteceu

ou vai acontecer, podemos dizer que é um indicio de algo. “*Índice* é um signo que se refere ao objeto denotado em virtude de ser diretamente afetado por esse objeto. O signo inicial tem alguma qualidade em comum com o objeto e, assim, não deixa de ser um certo tipo de ícone, um ícone especial [...]” (COELHO NETTO, 2003, p. 58). *Símbolo* é algo que é convencionado, é uma denominação coletiva, uma convenção de ideias. “*Símbolo* é um signo que se refere ao objeto denotado em virtude de uma associação de ideias produzidas por uma convenção” (COELHO NETTO, 2003, p. 58).

- QUALISIGNO, SINSIGNO E LEGISSIGNO

Entende-se o *qualissigno* como signo que tem qualidade, por exemplo a cor amarela que pode representar o sol, mas, propriamente, ela não é o objeto sol. “Por *qualissigno* entende-se uma qualidade que é um signo: Ex.: uma cor” (COELHO NETTO, 2003, p. 60). *Sinsigno* é todo acontecimento real e podendo envolver outros *qualissignos*, entendemos que é um signo de si mesmo, podendo ser uma somatória de signos. “Um *sinsigno* é um estado coisa ou evento existente, tomados como signo. Ex.: um cata-vento, um diagrama de algo em particular” (COELHO NETTO, 2003, p. 60). *Legissigno* entende-se com uma “lei”, em virtude da convenção seja, ela cultura, regional etc. Para existir o *legissigno* tem que se ter previamente os *sinsignos*. “Já o *legissigno* (de *legi*, lei) não é uma coisa ou evento singular, determinada, mas uma convenção ou lei estabelecida pelos homens. Ex.: as palavras.” (COELHO NETTO, 2003, p. 61).

- REMA, DICISSIGNO E ARGUMENTO

Em relação ao interpretante temos a terceira tricotomia rema, *dissigno* e argumento. Por sua vez, a rema representa as possibilidades que um signo pode ser. “Uma rema é um signo que para seu interpretante funciona como signo de uma possibilidade que pode ou não se verificar. Uma palavra isolada, como vermelho, pode funcionar como rema (do grego *rhema*, palavra)” (COELHO NETTO, 2003, p. 61). O *discente* é considerado o signo de forma real que corresponde a um enunciado e tem remas na descrição. “Um *dicissigno*, ou *discente*, é um signo de fato, signo de uma existência real. Correspondendo a um enunciado envolve remas na descrição do fato. Um sintagma como *dicissigno*.” (COELHO NETTO, 2003, p. 61). “Um

argumento é um juízo acerca do concreto do real, ou seja, do *dicissigno*. Um silogismo do tipo “A é B, B é C, portanto A é C” é um exemplo de argumento” (COELHO NETTO, 2003, p. 61).

3.2 PRIMEIRIDADE, SECUNDIDADE E TERCERIDADE

As três tricotomias de signos foram reunidas por Peirce em três e acomodadas em também três categorias, chamadas de *Primeridade*, *Secundidade* e *Terceiridade*. Na *Primeridade*, tem-se a impressão na *Secundidade*, tem-se a distinção e na *Terceiridade*, tem-se a compressão, de formas e os fenômenos na nossa mente.

Na *Primeiridade* tem-se a sensação da realidade é uma classe que está presente em um sentido imediato, sem relação com outros acontecimentos no mundo. “Se fosse possível parar, para examinar, num determinado instante, de que consiste no todo de uma consciência, qualquer consciência, a minha ou a sua, isto é, de que consiste esse labiríntico ‘lago sem fundo’” (SANTAELLA, 1983, p. 9).

“A *primeridade* recorre o nível da sensível e do qualitativo, e abrange o *ícone*, o *qualissigno* e a *rema*” (COELHO NETTO, 2003, p. 61). Há um mundo real, reativo, um mundo sensual, independente do pensamento e, no entanto, pensável, que se caracteriza pela *Secundidade*. Esta é a categoria que a aspereza e o revirar da vida tornam mais familiarmente proeminente (SANTAELLA, 1983, p. 10). Na *Secundidade*, tem-se a distinção da realidade, tem-se a decifração das coisas.

“A *secundidade* diz respeito ao nível de experiência, da coisa ou do evento: é o caso do índice, do *sinsigno* e do *dicissigno*” (COELHO NETTO, 2003, p. 61).

A *Terceiridade*, faz a distinção da realidade, tendo a conclusão do que a realidade representa, a compressão de um determinado objeto. Ela nos remete aos pensamentos, ou seja, a razão. “A *terceiridade* refere-se à mente, a ao pensamento, isto é, à razão: cobre o campo do símbolo, do *legissigno* e do argumento” (COELHO NETTO, 2003, p. 61). Neste sentido, será realizada a análise do filme *Avaeté, Semente da vingança*, sobre uma perspectiva semiótica para identificação de elementos que representem, no filme o acontecimento histórico real e comparando-o com a forma como foi representado no filme, mostrando a desumanização os povos indígenas, a desqualificação como pessoa e as justificativas para os crimes bárbaros cometidos contra os indígenas, a nível de *primeiridade secundidade e terceiridade*, conforme a teoria peirceana acima descrita.

4 A LEITURA PEIRCIANA DO *AVAETÉ, SEMENTE DA VINGANÇA*

Para analisar o filme, optou-se, neste trabalho utilizar a divisão triádica estabelecida por Peirce conforme explicado no capítulo anterior, de acordo com a teoria de Sanders Peirce será feita uma análise que leve em conta *primeiridade*, *secundidade* e *terceiridade*, os recortes para análise são cenas e falas que representa dois eixos: procura da identidade e desumanização, em *primeiridade* tem-se o objeto que é o filme, em *secundidade* tem-se o enredo a representação em a imagem, a reprodução, em *terceiridade* tem-se a parte argumentativa, a mensagem que o objeto pretende passar procura: identidade e desumanização. Que é a fonte para análise do trabalho.

- ***Primeiridade***

O filme *Avaeté, semente da vingança* é um longa-metragem com a duração de 01:46:28, cuja narrativa dramática de ficção é baseada em um massacre real. Foi produzido no ano de 1985 na cidade de São Paulo, Brasil. Teve sua estreia na data de 26 de agosto de 1985, no Rio de Janeiro, nas salas Palácio 2, Leblon 2 e América. Foi exibido em São Paulo no dia 29 de agosto do mesmo ano nos cinemas Ipiranga 2, Belas Artes e no Top Cine. O filme foi produzido pelas empresas Produções Cinematográficas Mapa Ltda., e Embrafilme – Empresa Brasileira de Filmes S.A.

Filme produzido por Zelito Viana, teve como direção Vera de Paula, Nilson Barbosa e Wagner Carvalho. As cenas foram gravadas em três lugares diferentes, sendo a cena inicial no Rio Juruena, atual distrito de Fontanillas pertencente ao município de Juína, estado de Mato Grosso, São Paulo e em Brasília-DF.

Seu elenco é composto pelos seguintes atores: Hugo Cavana que interpreta o cozinheiro Ramiro, Renata Sorrah que interpreta a personagem Clara, o padre Bruno, que é interpretado pelo ator Jonas Bloch, José Dumont que atua com o personagem Ribamar, Nina de Pádua que interpreta Barbara, Milton Rodrigues que atua como Cabeça Branca, Claudio Marzo representa o personagem do Deputado Marcelo Palmeira, Claudio Mamberti Gão, Sergio Mamberti que interpreta o Deputado Andorinha. O personagem Machado é representado pelo ator Jayme Del Cueto, Aribeth Ayres representa a Mãe de *Avá*, o papel do Gringo é representado pelo ator Marcus Vinicius, Jurandir Oliveira interpreta Sinfrônio, Suami Leeladhar faz o papel de Cláudio. Sua personagem principal *Avaeté* adulto é representado por Macsuara Kadiweu e criança, indígenas Rikbaktsa Jairo Canoeiro Gilson Naniute.

- ***Secundidade***

Avaeté, semente da vingança, tem como enredo uma ficção baseada em um fato real, o Massacre do Paralelo 11. A história conta de que forma aconteceu o genocídio do povo Cinta larga por meio do uso de dinamites, metralhadoras e açúcar envenenado, que foram jogadas de um avião, usados com para assassinar aquele povo. Esse fato real ocorreu no ano de 1963, no estado de Mato Grosso. Na estória do filme, um menino sobrevive, *Avá*, que passa a viver com o cozinheiro que foi contratado para acompanhar o grupo que assassinou os indígenas. Arrependido de ter participado, o cozinheiro passa a criar o garoto indígena e a viver escondido nas matas do Mato Grosso. Futuramente, após a morte do cozinheiro *Avaeté* resolve se vingar daqueles que mataram seu povo e seus únicos amigos: o cozinheiro Ramiro e padre Bruno, que da abrigo para eles.

- ***Terceiridade***

O filme *Avaeté, semente da vingança*, retrata o indígena e sua representação para a sociedade brasileira. O filme que é baseado em fatos reais, mostra a desumanização do indígena pelo não indígena, que pauta seu discurso no fato de não enxergar os indígenas como seres humanos como justificativa para seus atos de brutalidade, outra questão também é a busca da identidade indígena a partir da destruição de sua cultura, de seu povo. O filme é baseado em um fato real que acontece no noroeste do estado de Mato Grosso na década de 1960. O que ficou marcado devido sua brutalidade de repercussão nacional e internacionalmente, com o Massacre do Paralelo 11. No ano de 1985 em pleno momento de ditadura, representa o acontecimento real vivido na década 60, as expedições era frequentes a procura de minério na região o que acabava gerando conflitos com os nativos que ali já residia, o que acabava ocasionado no genocídio e desumanização dos povos indígenas. Nas cenas recortadas e citadas representam a visão que a sociedade tem sobre os indígenas.

O massacre é justificado pela desumanização por ver os indígenas não como humanos, mas como bichos, seres selvagens, inferiores isso pode ser mostrado pelas seguintes Argumentos. 00:06:16 Ramiro “Eu nunca ouvi dizer que pra caçar plantinha no mato precisasse de metralhadora. Além disso, isso aqui não é região de *Poaia*! Vamos abrir o jogo.”.

00:06:26 Cabeça Branca “Fica manso ai senão eu vou abrir é a sua cabeça! Você é um cozinheiro de merda e um bêbado que ta ganhado uma grana uma que nunca viu o que você quer mais[...]”.

00:08:08 temos a cena do avião sobrevoando a aldeia do povo *Avaeté* jogando açúcar envenenado, em um primeiro momento com o barulho do avião os indígenas começam a correr e se esconder dentro das malocas. Após o avião jogar açúcar na cena 00:08:27 os indígenas começam a experimentar o açúcar que para eles era equivalente ao mel. Ramiro desconfiado tenta fugir, mas não te êxito em sua fuga e é capturado por integrantes da expedição. Na 00:09:16 se inicia o ataque aéreo a aldeia aonde é jogada bombas de dinamite contra os indígenas, com medo todos começam a corre para dentro das malocas.

Cabeça Branca “Nós vamos mesmo é matar índio porá! Já matou índio alguma vez? Rum! É gostoso você vai ver. A bala entra melhor no coro liso do bugre! mata branco você sabe seu safado[...]”.00:11:36 depois de lançar bombas ainda continua o ataque, com uso de uma metralhadora. Cena é de guerra corpos jogados ao chão e em contras a devastação ocasionada pelas explosões que abou queimando as malocas. 00:12:45 chegam pistoleiros para eliminar os últimos sobreviventes do ataque aéreo. Na figura 7 mostra um cenário de guerra corpos de indígenas mortos ao chão e ao fundo Cabeça Branca e um jagunço.

Figura 7 - Cena do Massacre cena 00:13:04



Fonte: Youtube 2018

Cabeça Branca 00:13:49 “Jamais civilizado algum pisou nessa terra e nós somos os bandeirantes[...]”. Pelo fato de se acharem superior aos indígenas, desqualificam a cultura indígena, considerando a cultura ocidental eurocêntrica mais avançada, e de que os indígenas são meros selvagens.

Na fala do personagem ele retoma a ideia de que os bandeirantes são os heróis, o que é uma inverdade, por que eles eram pagos para cometer crimes contra os povos indígenas

representados no filme. O personagem Elias percebe algo e pede para o gringo ir ver o que está acontecendo. Os últimos sobreviventes é uma mulher indígena e seu filho, eles correm, mas não conseguem fugir a mulher cai ao chão enquanto o garoto corre um dos pistoleiros dispara contra o garoto.

Na cena 00:14:25 os dois bandeirantes começam a abusar da mulher indígena cometendo o ato de estupro. Ramiro fica de cabeça abaixada sentado ao chão enquanto que Cabeça Branca ao se aproxima é agarrado pela perna por um garoto indígena. Cabeça Branca fica com raiva e começa a xingar. 00:14:56 “Sai, sai desgraça! sai bicho! Sai o desgraçado”.

Ramiro é obrigado a matar o garoto senão seria morto por Cabeça Branca. Na cena 16:02 os “bandeirantes” oferecem a índia ao Cabeça Branca na sequência das cenas 16:06 Cabeça Branca “por que essa filha da puta tinha que sobreviver? “A mulher estava desmaiada ao chão, diante disto ele se aproxima e amara as pernas da mulher e a suspende em uma árvore deixando-a de ponta cabeça.

Figura 8 - Mulher indígena antes de ser cortada ao meio cena 00:16:44



Fonte: Youtube 2018

Na figura 8 mostra a representação da foto real publicada na revista *Time*, no filme *Avaeté, Semente da Vingança*, onde a indígena é assassinada. Em reflexo ao pensamento da sociedade, as cenas e falas anteriores destacam na maneira em que os indígenas eram vistos, como foram massacrados e considerados como animais. E, na figura 8 percebe-se a maneira em que a indígena é capturada além de ser abusada sexualmente, é oferecida apenas como um objeto à Cabeça Branca, mas ele a recusa.

A mulher é assassinada como um animal que vai para o abate, sendo amarrada pelos pés como forma de dominação e poder, é golpeada com um facão na região pélvica. Outro ponto presente no filme é a busca da identidade do personagem *Avaeté*, na infância o pequeno *Avá* se sente sozinho, fica em silêncio, e quando encontra outros indígenas tenta se comunicar.

Na cena a seguir aparece uma garota. Cena 00:32:13 o pequeno *Avá* encontra outros indígenas e se identifica com a fisionomia do povo ribeirinho, e tenta comunicar-se com a menina indígena em sua língua materna, mas a garota não entende o que o pequeno *Avaeté* está dizendo. Em outro momento o pequeno *Avá* está na margem do rio e grita *AVAETÉ*. Na Figura 9 *Avá* observa a garota indígena.

Figura 9 – Pequeno *Avá* encontra outros indígenas cena 00:32:13



Fonte: Youtube 2018

Cena 00:35:44 e ao som do eco ele sai correndo e atravessa o rio na expectativa de encontrar o seu povo e novamente não tem êxito. Como represália a denúncia Ramiro na cena 01:09:53 é levado por dois homens da delegacia.

O padre Bruno é assassinado pelo Cabeça Branca com requinte de crueldade e é deitado de ponta cabeça. Cena 01:10:22 o personagem *Avá* chora ao lado do corpo do padre, e fala que não se sente como um branco e que devia fazer sua tradição e fazer a vingança pela morte do seu povo, e, seu povo renascera forte.

Por muito tempo *Avaeté* se sentia incomodado por não pertencer um lugar já que seu povo estava morto e não se identifica com a cultura do não indígena, sobre uma perspectiva

antropológica ele acaba ficando em um *Não-lugar*⁷, se tornando uma *não-pessoa*, considerando a época e contexto do filme, o que o deixava em conflito de identidade por não pertencer a cultura do não indígena e não poder voltar para seu povo porque todos foram mortos no massacre.

Figura 10 - Padre Bruno morto ao lado *Avaeté* cena 01:11:10



Fonte: Youtube 2018

Na figura 10 *Avá* fica ao lado do Padre Bruno que foi assassinado por Cabeça Branca. Cena 01:11:26 o personagem *Avaeté* diz “*Avá* tem cara de índio, não pode cara de branco! Essa é a cara de *Avá*. É cara de índio, *Avá* não tem cara de Branco Padre Bruno”.

Com a morte do Padre Bruno *Avaeté* retoma sua identidade indígena no sentido de entender que é um indígena e deve assumir a se reconhecer com indígena e deve se vingar, podendo depois reestabelecer o seu povo. *Avá* ao encontrar a polícia pede que seja solucionado a assassinato do padre, mas não conseguiu.

Diante da situação ele conversa com a jornalista Clara, que o leva para São Paulo. Chegando na cidade *Avá* acaba se perdendo de Clara no aeroporto, ficando sozinho na cidade grande. Caminhando pelas ruas ele é avisto por um bêbado, que fica apontando o dedo para *Avá*.

⁷ Em 1995, o antropólogo francês *Marc Augé* usou em seu livro *Não-Lugares* o termo não-lugar. Ele se referia a um espaço de passagem sem significado suficiente para se tornar um lugar ou ter qualquer tipo de identidade, ou seja, algo que serve apenas como local de transição e com o qual não criamos qualquer tipo de relação. Disponível em: <<https://sites.unicentro.br/jornalagora/nao-lugares/>> Acesso: 01 dez. 2018.

Na Cena 1:17:29 nas ruas *Avá* é parado por um bêbado que estava em uma calçada de um clube de *strip-tease* ao fundo o bêbado diz “O índio Oh! índio seu índio, índio quer pinto” “índio quer pinto se não quer o pau vai comer!”. A todo momento ele o bêbado aponta o dedo em direção de *Avá*, não dando importância para o bêbado. Na figura 11 mostra o bêbado importunado o indígena.

Figura 11 - Cena do bêbado apontando o dedo pra *Avá* cena 01:17:27



Fonte: Youtube 2018

Avá na figura 12 caminha enquanto o bêbado o segue repetido as frases.

Figura 12 – *Avaeté* e o bêbado cena 01:17:37



Fonte: Youtube 2018

Nas cenas em que *Avaeté* encontra com o bêbado, percebemos que mesmo estando na mazela o indígena é alvo de zombaria de piadas, olhares e apontamento, reflexos da sociedade

que rotula e cria exterior, e que quando vê uma indigna rua acaba reproduzindo falas estereotipadas a respeito do indígena como se fosse algo exótico de outro mundo, rotulando muita das vezes como selvagem.

Na cena 01:19:12 após entrevista Clara pergunta para Antônio Machado” Você já teve algum problema com alguma tribo indígena ?”.

Figura 13 – Clara entrevista Antônio Machado responsável pelo massacre cena 01:19:16



Fonte: *Youtube* 2018

Na figura 13 cenas 1:19:16 em resposta a pergunta da jornalista o mandante do massacre o empresário Antônio Machado responde “Nós somos uma nação com grande destino! E não vai ser meia dúzia gente da pedra lascada que vai atrapalhar o progresso do nosso país. Nós seremos a grande potência mundial e você vem me falar de índios”.

Após a pergunta inconveniente da jornalista Antônio pede para cortar a gravação. Nas falas do Antônio Machado o mandante do massacre reflete as ideias da sociedade que considera os indígenas como a barreira para o progresso, que as terras indígenas, não são utilizadas de forma correta no olhar etnocêntrico do “homem branco” que desqualifica toda uma forma de se viver, visando apenas o seu interesse o de adquirir riqueza e poder a qualquer custo.

Um dos pacientes do hospício fala “Tu não é matador de índio e está abraçadinho com um índio vamos matar esse também” Ramiro de irrita com o que o rapaz diz e o derrubando no chão. A amizade é questionada, pelo fato de Ramiro ter participado do massacre e ter uma amizade com indígena. Encontro de Ramiro e *Avá* na figura 14, cena 1:23:27

Figura 14 – *Avaeté* e Ramiro conversando com a cena no hospício 01:23:27



Fonte: Youtube 2018

Com a morte de Ramiro, *Avaeté* caminha em meio a uma ponte e começa a se despir na rua fica apenas de *short* em certo momento encontra um pedaço de madeira após encontra a casa do mandante *Avá* espera e se prepara para sua vingança, como forma tradicional ele se pinta para a guerra.

Em cortes de imagens simultânea temos Clara se preparando para entrar ao vivo em um programa televisão, ao amanhecer um carro preto sai da residência. Completamente nu e pintado o guerreiro *Avaeté* desfere golpes com um pedaço de madeira contra o carro no vidro, em um combate enquanto é alvejado por um segurança e em luta corporal com Cabeça Branca em punho uma arma *Avá* o golpeia com o pedaço de madeira. Na entrevista ao vivo Clara chora e em virtude da impunidade.

Mesmo gravemente ferido sangrando *Avá* caminha sem rumo, ao som de bombas e rajadas tiro ele caminha ao fundo luzes da cidade grande, os carros vão em sentido contrário

Avaeté caminha até cair ao chão é ficar apenas as luzes dos carros. Nas cenas finais temos guerreiro solitário em busca pela sua vingança, da destruição de seu povo, *Avaeté* tem sua vingança, mas teve seu preço, ferido caminha até cair ao chão ao fundo em sentido oposto ao progresso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O filme retrata o genocídio de uma nação indígena, motivado pela ganancia de poderosos da região que se jugavam superiores. Uma obra baseada em fatos da época e que permeiam até a atualidade, devido a não demarcação indígena ou deslocamento de suas áreas tradicionais, que gera conflitos entre indígenas e fazendeiros.

Percebe-se no filme todo o aparato, uso de avião para jogar açúcar envenenado e bombas de dinamites, essas ações tinham o intuito de exterminar aquele povo que imemoravelmente já habitava a região. O Massacre do Paralelo 11 ficou historicamente conhecido como um dos mais violentos conflitos entre indígenas e não indígenas. No período da ditadura, as expedições punitivas eram recorrentes.

A partir da pesquisa, pode-se fazer uma análise por meio da semiótica peirceana e uma reflexão sobre o genocídio e desumanização do povo Cinta Larga, representados no filme *Avaeté, Semente da Vingança*, contextualizando com o fato real na década de 1960, analisando as cenas que representam a desumanização no filme, levando-se em conta o processo histórico e o período de ocupação da região noroeste do estado de Mato Grosso.

Outro ponto é a questão da identidade indígena: muitos são condicionados a seguir padrões impostos pela sociedade urbana e com isso acabam perdendo a própria identidade. Não se trata de aculturação, pois não ocorre uma troca saudável de experiências e conhecimento, mas um cenário de rejeição e complexo de inferioridade, em que os nativos passam a ter a percepção de que não pertencem a nenhum dos mundos, motivando a perda de identidade.

No longa-metragem é perceptível a visão estigmatizada que os não indígenas tinham dos nativos, deduzindo que se tratava de povos primitivos e não evoluídos; pensamentos esses, que ainda persistem na atualidade. Esses estereótipos e rotulações desqualificam os povos indígenas pelo seu modo de vida, não entendendo a relação que o indígena tem com a natureza, torna-se um entrave para o progresso e desenvolvimento do país. Tais fatos não fogem da realidade vivida por muitos indígenas ainda nos dias atuais, que são massacrados pela falta de amparo, que não demarca as terras indígenas o que acaba gerando conflito com fazendeiros gananciosos.

O tema ainda é recorrente e atual, a omissão do estado sobre a demarcação de terras indígenas gera conflitos que resultam no extermínio desses povos, a falta de assistência acaba

gerando outros fatores que destroem a identidade e a cultura de cada povo em virtude da influência da cultura do não indígena.

Movidos a essa falta de assistência, os indígenas acabam por reivindicar seus direitos através de manifestações, sobretudo, em áreas estratégicas, o que gera mais conflitos com aqueles que não fazem parte da luta e se denominam civilizados. Sabendo que ainda há desinformação concernente aos povos indígenas e toda a bagagem histórica e cultural que carregam, é imprescindível que haja maior notoriedade para este tema nos campos de pesquisa, a fim de dar voz e protagonismo para que esses povos possam contar sua história, contribuir com a sociedade e desmistificar a visão desaprovadora que persiste sobre eles.

Ademais, dar espaço aos nativos para que eles se expressem e façam – por direito – parte da história, é indispensável falar da representatividade. Temos grandes nomes indígenas da atualidade: primeira deputada indígena Joênia Wapicha, 43 anos, também é a primeira advogada pela Universidade Federal de Roraima. Daniel Muduruku, escritor indígena contemporâneo que transmite a cultura indígena brasileira através de suas produções literárias, ativista das causas indígenas. A atriz Zahy Guajajara, entre outros grandes nomes que vem representado, dando voz aos povos indígenas brasileiros. É importante salientar que muitos indígenas adentrando o meio acadêmico através das universidades (algumas, inclusive, abrem vestibulares especificamente para os indígenas, aumentando as chances de ingresso no meio acadêmico), com isso estão adquirindo conhecimento que é levado ao seu povo, podendo contar a sua própria história e usufruir dos direitos dos quais são tão merecedores quanto os demais.

REFERÊNCIAS

Best Aulas Ever **Iniciação à semiótica** <<https://www.youtube.com> > Publicado em 17 de abr. de 2017. Acesso em: 24 ago. 2018.

CARVALHO, Eduardo. **Documentos recuperados após décadas aponta crimes contra índios**. Disponível em: <<http://g1.globo.com>> Acesso em: 29 nov. 2018.

CLAYTON, Fredson. **Avaeté, Semente da Vingança** Disponível em: <<https://www.youtube.com>> Publicado em 29 de jan de 2014. Acesso em: 23 ago. 2018.

COELHO NETTO, J. Teixeira. **Semiótica Informação e Comunicação**. 6ª edição editora Perspectiva São Paulo SP Brasil 2003.

COLLECTION, Giongo **Avaeté semente da vingança de 1985, zelito viana (filme completo HDTV)**. Disponível em: < <https://www.youtube.com/>> publicado 7 de ago. 2018
Acesso em: 27 ago. 2018.

CUNHA, Júlia Regina dos Santos; FASSBINDER, Carla T. K de. Invisíveis da Floresta a Visíveis pelos Militares: ditadura civil-militar e povos indígenas – uma história inacabada. XI **Seminário de Estudos Historicos**.

CUNHA, Maria Luciana Garcia. Uma análise da semiótica peirciana, aplicada ao anúncio da Associação Desportiva para Deficientes **Revista Anagrama – Revista Interdisciplinar da Graduação** Ano 1 - Edição 3 – Março/Maio de 2008.

DIÁRIO AMAZÔNIA **ÍNDIOS Cinta Larga** Disponível em: <<https://www.youtube.com>> publicado em 16 de out de 2013. Acesso em: 25 ago. 2018.

FEITOSA, Beatriz dos Santos de Oliveira. **Reflexões sobre o Lugar Social do Índio na Territorialização/ Desterritorialização promovida pelo Estado no Norte de Mato Grosso do Sul**. Universidade Federal de Mato Grosso 2017.

GALVÃO, Josiani Aparecida da Cunha. Colonização e cidades em Mato Grosso **XXVII Simpósio Nacional de História** - Conhecimento histórico e dialogo social Natal - RN 22 a 26 de julho 2013.

GUIMARÃES, Elena. Máquina de Exterminar Indígena. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos – IHU** nº 478 Ano XV.

HISTÓRIA DO BRASIL.NET. **Índios do Brasil**. Resumo sobre a História dos índios do Brasil, Cultura, sociedade, Organização, contato com os portugueses na História do Brasil Disponível em: <<https://www.historiadobrasil.net/>> Acesso em: 23 ago. 2018.

ISA - INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL / TERRAS INDÍGENAS NO BRASIL - Massacre do paralelo 11 extermina 3.500 índios. Disponível em: <<https://terrasindigenas.org.br/noticia/17879>> Acesso em: 25 ago. 2018.

JOANONI NETO, Vitale. **Fronteiras da Crença: ocupação do Norte de Mato grosso após 1970** cuiaba Carlini & Caniato Editorial; EdUFMT Editora da universidade de Mato Grosso.

MACHADO, João Vitor Santos e Ricardo. **Máquina de exterminar indígenas**. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br>> Acesso em: 26 de ago. 2018.

MALDI, DENISE et al. **Direitos indígenas e antropologia: Laudos periciais em Mato Grosso**. Cuiabá: editora Universitária da UFMT, 1994.

MARIMON, Marianna “**A selva de pedra cresceu em mim**”, **diz índio que atuou no filme mais radical sobre extermínio Avaeté - A semente da vingança** <<http://www.olhardireto.com.br> > Acesso em: 24 ago. 2018.

MODAFARIS, DAN, **O que é Semiótica?** Disponível em: <<https://www.youtube.com>> Publicado em 18 de set de 2012. Acesso em: 27 ago. 2018.

NEDEL, Marco Aurélio. **Seringal: Mundo dos Bravos**. Xanxerê Sc News print Gráfica e editora Ltda 2010

PAULA, BETSE DE, **Zelito Viana: histórias e causos do cinema brasileiro**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.

ROQUE, Maria Isabel, "**Design, a outra ciência dos signos**," in a muse .arte, Disponível em: <<https://amusearte.hypotheses.org/>> Acesso em: 20 de outubro de 2018.

SANTAELLA, LÚCIA. **O que é Semiótica**, editora brasiliense, 1983.

SANTAELALLA, LÚCIA. **O que é Semiótica**, São Paulo: Brasiliense, 2003

SANTOS, julio César dos. O processo de multiterritorialização no noroeste de mato grosso: uma reflexão sobre os impactos sociais nas vidas de indígenas, seringueiros, colonos e garimpeiros **XXVII Simpósio Nacional de História** Disponível em: <<http://www.snh2015.anpuh.org>> Acesso em: 23 ago. 2018.

SILVA ANDRE LUIZ B DA. “Simples Simplesmente”: Uma Análise Peirceana da Campanha McDonald Intercom Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação **XVI Congresso de ciências da Comunicação na região Sudeste** Disponível em: < <http://www.intercom.org.br>> Acesso em: 24 ago. 2018.

SOUZA, Sandra Maria Ribeiro de Souza; SANTARELLI, Christiane Paula Godinho **XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** Análise da imagem publicitária: revisão de alguns modelos1 Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo Departamento de Relações Públicas e Publicidade.

TAVARES, Ana Cristina. **Zelito Viana, o engenheiro que se tornou o ‘Dr. Fantástico’ de Glauber Rocha**. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com>> Acesso em: 28 ago. 2018.

VIANA, Zelito. **Aveté semente de vingança. 1985**. Cinemateca Brasileira. Disponível em: <<http://bases.cinemateca.gov.br>>. Acesso em: 24 ago. 2018.

ANEXO

Figura 15 - Esboço sequencial do filme *Avaeté, Semente da Vingança*



Fonte: (PAULA, 2010, p. 245).